

## CASA DOS ARTISTAS EM ILHÉUS: CULTURA POPULAR A SERVIÇO DA FORMAÇÃO DE PLATEIA

TACILA APARECIDA DE SOUSA\*

REHENIGLEI REHEM\*\*

**RESUMO:** Este artigo tem como tema a Casa dos Artistas de Ilhéus e como objetivo pesquisar a sua história, economia e cultura, de forma que a memória desta instituição seja apresentada à comunidade local e acadêmica como incentivo à sua sustentabilidade nesses três aspectos. A metodologia utilizada é do tipo qualitativo-descritivo, desenvolvida a partir da análise de documentos e outras fontes respaldadas em Rehem (2001); Vinhaés (2001); Sarlo (2001); Campos (2006); Simões (2006); Voisin (2006); Dias e Carrara (2007); Costa e Gândara (2009) e Souza (2009). Destacar a Casa dos Artistas é discutir as crises financeiras, a primeira em meados de 2005 e a segunda em 2009 que quase fecharam suas portas. Isto se não fossem iniciativas dos artistas de Ilhéus, que a reergueram com produções e eventos culturais e literários ainda hoje por eles mantidos e em funcionamento. Portanto, consideramos que a Casa dos Artistas de Ilhéus produz cultura e divulga o contexto histórico e econômico regional, além de contribuir para o turismo e a cultura local, promove um pólo de oportunidades e de desenvolvimento que tem a valorização do regional como foco absoluto.

**PALAVRAS- CHAVE:** Cultura; Casa dos Artistas; Ilhéus; Turismo.

## THE ARTISTS' HOME IN ILHÉUS, BRAZIL: POPULAR CULTURE FOR PEOPLE'S CULTURAL FORMATION

**ABSTRACT:** The Artists' Home in Ilhéus BA Brazil and its history, economy and culture are provided so that the memory of the institution may be exhibited to the academic and local communities for their sustainability within the three aspects analyzed. The qualitative and descriptive methodology developed from an analysis of documents and other sources is foregrounded by Rehem (2001); Vinhaés (2001); Sarlo (2001); Campos (2006); Simões (2006); Voisin (2006); Dias and Carrara (2007); Costa and Gândara (2009)

---

\* Discente do curso de Letras do Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC; Bolsista do Programa de Iniciação Científica da Universidade Estadual de Santa Cruz - PROIC/FAPESEB. E-mail: sousatacila@bol.com.br

\*\* Mestre em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP; Doutora em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ; Coordenadora do Centro de Estudos Portugueses Hélio Simões; Docente adjunto da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC. E-mail: r\_rehem@yahoo.com.br

and Souza (2009). A discussion on the Artists' Home is also a debate on its financial crises. The mid-2005 and the 2009 crises almost made its closure mandatory if the initiative of Ilhéus artists had not come to the rescue with artistic productions and with cultural and literary events kept alive up to the present. Since the Artists' Home produces culture and broadcasts the historical and economical regional context, coupled to its contribution towards tourism and local culture, it certainly provides opportunities and development focuses on the appreciation of regional.

**KEYWORDS:** Culture; Artists' House; Ilhéus; Tourism.

## INTRODUÇÃO

E é pelo imaginário que cada povo, cada cultura, tem sua configuração existencial própria onde se constrói a sua história e perduram os seus mitos [...] tomado como tema histórico, científico ou literário, passa por uma dupla superação: a do espaço para sua universalização, e a do tempo para sua eternização (REHEM, 2001, p. 6).

### 1.1 TURISMO CULTURAL EM ILHÉUS – BA

Observar o atual cenário econômico de Ilhéus e não perceber o movimento que o turismo gerou na cidade e em sua comunidade é algo impossível. A cidade apresenta-se como um dos destinos mais procurados por turistas brasileiros e estrangeiros, procura esta que foi intensificada a partir da promoção das belezas naturais e culturais da cidade, evidenciadas pela obra de Jorge Amado e consideradas como alternativas sociais e econômicas, no período da crise da lavoura cacauceira.

[...] Procuraremos fazer uma apresentação analítica até o presente, quando ficará evidente o sobe – desce dos preços, com a conseqüente repercussão na zona da monocultura. Ricos um dia, pobres no outro, até o aparecimento de pragas, algumas combatidas energicamente e com sucesso, apesar de dispendioso, como a podridão parda, até chegarmos ao estado atual de depredação, com a *vassoura de bruxa*. [...] (VINHÁES, 2001, p. 218).

A cultura do cacau, apesar de ter sido a grande produtora da riqueza da Costa do Cacau desde 1822, ano em que “o plantio chegou ao norte da capitania, atingindo a zona da vila dos Ilhéus, onde encontrou solos férteis e umidade adequada, expandindo-se por toda a “bota” do Estado” (VINHÁES, 2001, p. 214), esteve sempre à beira de uma crise, devido à baixa de preços e períodos em que a produção não acompanhava a demanda do “fruto de ouro”. Assim, quando a crise se tornou irremediável, a região buscou novas possibilidades econômicas que garantissem a sobrevivência não só de pessoas, como de memórias materiais e imateriais.

Ilhéus, em um cenário anterior ao cacau, não possuía representatividade econômica e nem social, pois a maioria de seus donatários não investiu em sua ocupação e na dinamização de sua produção agrícola de subsistência.

[...] **numa perspectiva comparada:** ‘gozaram mais do aumento aquelas [capitanias] que o braço real tomou mais a sua conta quando no povoar e conquistar faltaram seus donatários’ (DIAS; CARRARA, 2007, p. 32) (Grifo nosso).

Na obra, *Um lugar na História: a capitania e comarca de Ilhéus antes do cacau*, Dias e Carrara (2007) constroem um retrato social e econômico de Ilhéus, antes do cacau e da “era de ouro” gerada por ele na região. É possível perceber que para as autoridades e para os donatários da capitania, as terras e o povo dessa

região não tinham valor algum, e este desenho social mudou radicalmente com a adaptação do cacau nas terras e com a figura dos coronéis, que reconstruíram a sociedade, a economia e a memória de Ilhéus, pois a maioria do patrimônio cultural da cidade traz o ranço do cacau e de seu tempo de glória.

O turismo, no cenário formado pela crise, foi uma das alternativas desenvolvidas em Ilhéus, e hoje, anos depois e com a vassoura de bruxa aparentemente controlada nas lavouras da região, a atividade turística possui espaço e respeito na comunidade ilheense, pois hoje não desenvolve mais o papel de “redentora”, sendo uma das atividades que coloca a cidade em destaque nacional. Nos últimos anos, uma “revolução” na concepção de turismo em Ilhéus aconteceu, tendo em Jorge Amado e em seus personagens a porta de entrada para o desenvolvimento do turismo cultural na região.

E são esses elementos ficcionais, mais a construção de uma imagem produzida pela fusão do real (experiências) com os atos de fingir (imaginação), retroalimentado pelas expectativas mundividenciais do indivíduo, com relação ao seu tempo e espaço, que a pungente produção artístico-cultural da região Sul - baiana, com excelência para a literatura, se destaca e se apresenta como elemento disparador e divulgador do que poderíamos chamar de turismo cultural ou turistificação (REHEM, 2001, p. 6).

Durante anos o imaginário Amadiano foi à referência central do turismo cultural em Ilhéus, que se lança além do patrimônio histórico e atrai turistas dispostos a mergulhar na cultura cotidiana e popular da cidade. A literatura de Jorge Amado, ao se tornar global, universalizou Ilhéus como “a terra da Gabriela” ou ainda como “a cidade romance do Brasil”, movimento este que gerou a necessidade de “valorização dessa cultura regional ora desgastada

pela publicização turística” (SIMÕES, 2006, p. 15). Distante das imagens consagradas de Gabriela e Nacib, o Teatro Popular de Ilhéus tem como proposta a vivência da cultura regional e popular, com o intuito de formação de plateias e artistas ilheenses, que percebam e divulguem possibilidades culturais características de um imaginário pouco explorado pelo turismo cultural.

Em 15 anos de trabalho constante, o grupo fundado por Équio Reis e atualmente dirigido por Romualdo Lisboa assumiu a direção da Casa dos Artistas em 2002 e desde lá vem desenvolvendo uma série de projetos que vão de espetáculos teatrais às leituras dramáticas regadas com talento e chocolate. Os 20 anos de história e memória da Casa dos Artistas em Ilhéus guardam histórias, leituras e literaturas que a maioria da população ilheense desconhece, mesmo passando pelo Quarteirão Jorge Amado todos os dias, e em meio a tantas representações e convites ao universo Amadiano, não percebem que o prédio com arquitetura oriunda do cacau, apresenta dentro e fora de seus limites inúmeras possibilidades literárias e culturais, que recontam a história sob outra perspectiva.

## 1.2 CASA DOS ARTISTAS NA DÉCADA DE 1990

Recentemente, os atuais gestores da Casa dos Artistas encontraram em um baú esquecido pelo tempo cerca de quinhentas reportagens sobre a instituição no período da década de 1990. Uma análise superficial deste material comprova o que Romualdo Lisboa, atual responsável pela Casa dos Artistas em Ilhéus (CAI), contou em entrevista. Segundo ele a CAI na década de 90 era utilizada como galeria cultural, sendo realizados diversos eventos no local; a programação diversificada ia de exposições de artistas locais até festivais de teatro

e música. Tais afirmações são comprovadas através dos recortes que fazem um retrato dos eventos e artistas que passaram pela CAI, nos anos de 1990, 1991, 1992, 1993, 1994, 1995, 1996 e 1997.

A Casa dos Artistas foi oficialmente inaugurada em 5 de janeiro de 1990. Localizada no Quarteirão Jorge Amado, preserva sua estrutura colonial e mantém um espaço cultural alternativo, gerado de uma iniciativa particular que, na década de 1990, era ponto de encontro entre artistas locais e o público, em saraus mensais tradicionais, durante o período em que funcionava como galeria. No ano de sua fundação, uma das atividades de destaque nos recortes foi a mobilização dos artistas que se reuniam na CAI, com a intenção de reativar a Sociedade de Cultura e Arte.

Os quatro primeiros anos de funcionamento da galeria, de 1990 a 1993, foram marcados pelas turmas de diversos cursos, que utilizavam a CAI como espaço para as aulas. Em 1991 foi formada a primeira turma do curso de teatro ministrado por Pedro Mattos. As aulas de teatro, segundo os recortes, fizeram parte da programação permanente da galeria até o final da década. Além deste curso, apresentações de saraus–literários, shows de humor, exposições, cursos de pintura, modelo, etiqueta social entre outros, preencheram agendas e formaram plateias e artistas.

Em 1993, a galeria foi tema de uma reportagem no jornal *A Região*, com o título: *Casa dos Artistas: Se é de paz pode entrar* (CASA..., 1993). A reportagem destacava a proposta da galeria, dirigida por Marcelo Sá e mantida pela Barrakitika, de Bruno Susmaga, de ser um espaço a serviço da cultura regional no campo da pintura, literatura, música, escultura, folclore e teatro.

Inaugurada no dia 5 de janeiro de 1990, a Casa dos Artistas dispõe de salões de

exposições, quatro salas para exposição simultânea e cursos, um palco alternativo e o salão Hans Koella, com capacidade para 70 lugares; uma sala de oficina para cursos, camarins, e o restaurante Barraquítica, com música ao vivo às quintas e sextas-feiras (CASA..., 1993).

A reportagem ainda destaca que o casarão onde funciona a CAI foi construído no final do século XIX pelo coronel Domingos Adami de Sá, e em 1987 o mecenas Hans Koella adquiriu o imóvel que, na época, fazia parte da empresa Corviglia, que administrava os bens do empresário no Brasil. Neste ano foi realizada, na galeria, a escolha do Conselho de Cultura do Sul da Bahia e Marcelo Sá recebeu um Troféu Jupará Especial, por sua contribuição para a cultura sul-baiana e para os artistas da região (O TROFÉU..., 1993).

Em 1994 aconteceram cursos de serigrafia, etiqueta social, flores e desenho, além dos cursos de teatro para crianças e adultos, os cursos de verão e o de improvisação teatral que, a partir de 1996, além de Pedro Mattos, teve como professor o ator Romualdo Lisboa. A votação do Troféu Jupará, na cidade de Ilhéus, foi realizada na Casa dos Artistas e houve a I Mostra de Fotojornalismo de Ilhéus, com trabalhos de Mário Queiroz, além das exposições de Jair Garcia, Valdirene Borges e da artista norte – americana Carol Andrews, por exemplo (O TROFÉU..., 1993).

O projeto Terça a Três foi o grande evento teatral do ano de 1995, sendo repetido em 1996. A proposta do projeto na época foi considerada inovadora e audaciosa. Em matéria vinculada no *Diário da Tarde* em 4 de julho de 1995, encontra-se a seguinte afirmação (TERÇA..., 1995):

Trata-se na verdade de um projeto audacioso na área teatral que consiste em reunir por dois meses, julho e agosto, atores

e diretores locais sempre às terças – feiras, às 18h30 min. na Casa dos Artistas. [...] Os ingressos já estão á venda na Casa dos Artistas a preços populares.

Além deste projeto, que contou com a participação de atores como Romualdo Lisboa, Tetê Sotero, Justino Vianna, Tereza Sá e dos diretores consagrados na região Pedro Mattos e Équio Reis, neste mesmo ano houve na galeria mais exposições, shows e eventos teatrais, dentre os quais é válido ressaltar o II Festeatro. O festival aconteceu no final de setembro de 1995 e, para sua realização, foi feita uma campanha de doação de alimentos não perecíveis, que eram trocados por ingressos para os espetáculos de maior sucesso do Terça a Três. O último Festeatro realizado na Casa dos Artistas data de 2008 e foi produzido pelo atual grupo gestor da instituição, o Teatro Popular de Ilhéus (CASA..., 1995).

Entre os anos de 1996 e 1997, além dos cursos e das programações oficiais da galeria, destacam-se o projeto Cant'Art, realizado em 1996, e Nossos Músicos em 1997. Muito da história da Casa dos Artistas se perdeu no tempo, e esses registros nos recortes de jornais, encontrados em 2010 ajudam de forma significativa na confirmação da história oral desta instituição, que continua trabalhando para a formação de plateia, a partir da cultura regional de qualidade.

### 1.3 CASA DOS ARTISTAS E TEATRO POPULAR

Atualmente, um dos projetos da Casa dos Artistas é a elaboração de um livro que faça um registro legítimo de sua história, que passa o período de sua construção no século XIX e chega ao século XXI com desafios superados em um passado não muito

distante. Em 2002 a CAI passa a ser administrada pelo Teatro Popular de Ilhéus, sob a direção de Romualdo Lisboa, personagem desta história desde a década de 1990.

O Teatro Popular de Ilhéus foi fundado em 1995 pelo diretor e escritor Équio Reis, mas, após sua morte, Romualdo Lisboa assumiu a direção do grupo, bem como a da Casa dos Artistas. Em oito anos, período da administração atual, muitas são as histórias, desafios e vitórias que fazem parte da história recente da instituição.

Através da Casa dos Artistas, o Teatro Popular de Ilhéus tem implementado um projeto de política cultural que, além de promover a descentralização da produção cultural através de projetos de circulação de oficinas e espetáculos, ainda atua diretamente no processo de administração pública da cultura, com projetos de lei, participação em sessões especiais da Câmara de Vereadores e o trabalho comunitário constante (SOUZA, 2009, p. 2-3).

Perceber o real valor da cultura no contexto em que Ilhéus está inserida, no que refere e reflete o turismo cultural, não é uma atividade fácil. O grande fluxo de visitantes gera um movimento de intercambio cultural que, se não for observado atentamente, acaba por legitimar como cultura regional, o que o turista busca e não o que a cidade realmente pode oferecer. É válido ressaltar que os relatos de muitos visitantes, que vinham até Ilhéus e registravam em seus diários de bordos observações e comentários sobre a região, eram tomados pela sociedade além das barreiras geográficas da época, como verdades absolutas. Tanto para o bem, como para o mal.

[...] De Ilhéus, em 1927. Escreveu um visitante que a cidade 'era a agitação incessante no comércio, nos trapiches,



na gare, nos bares, e essa agitação do dia inteiro de sol a sol, era que se repetia à noite nos cinemas, nos cafés, nos rumores alegres que vinham dos clubs. Uma cidade em plena vida de trabalho, de progresso, de fartura'. [...] (CAMPOS, 2006, p. 620).

As memórias desta cidade e deste povo, que em 1927 apresentava os ares e as cores do turismo e que em meio à crise se reergueu através do turismo, são base da proposta do Teatro Popular de Ilhéus. Assumir a CAI, não foi uma tarefa fácil para estes artistas, que fizeram da galeria de arte um teatro aberto para todas as manifestações artísticas regionais e populares. Para compreender a proposta que eles desenvolvem na instituição, é preciso aumentar o ângulo do popular que não significa simplório. Neste contexto o popular é a singularidade da comunidade ilheense, que está esquecida nos becos e subúrbios da cidade. A proposta é resgatar o que existe de mais próprio no imaginário da região e apresentar um olhar mais atento e amplo diante da cultura de Ilhéus, que tem no universo amadiano um dos múltiplos caminhos, que merecem e precisam ser consumidos.

Quando o Teatro Popular de Ilhéus assumiu o desafio de administrar o espaço se transformando em grupo residente da CAI, houve uma resistência da comunidade artística de Ilhéus, pois muitos acreditaram que o espaço seria monopolizado, fato que não aconteceu. Segundo Tânia Barbosa<sup>1</sup>, coordenadora artística do espaço, a casa é de todos, artistas e público terão as portas sempre abertas, pois a proposta de formação de plateia necessita de interação, e quanto mais grupos apresentarem no espaço, mais cultura será colocada a disposição da comunidade. Ela destaca também, que na época em que a CAI era galeria, o fluxo de artistas era maior;

<sup>1</sup> Entrevista concedida em 4 de agosto de 2010 em IlhéusBA.

hoje os artistas de outros grupos vêm até o espaço para realizarem espetáculos, exposições e outros eventos, mais em menor quantidade.

Estar no meio do Quarteirão Jorge Amado e não trabalhar com a literatura produzida por ele não é uma tarefa fácil. A proposta artística direcionada para a cultura regional que foi sufocada por influências de fora e esquecida pelo tempo, aliada ao trabalho para a promoção da cultura regional e de suas singulares, é o objetivo central da programação da CAI e o meio que é utilizado para formação de plateia. As pessoas precisam ir ao teatro e prestigiar os artistas da região, os que são da terra e falam da terra, e não só prestigiarem espetáculos que vêm de fora. Se observarmos, Jorge Amado somente foi considerado uma referência ilheense, quando sua literatura ganhou o mundo; foi necessário que ele atingisse reconhecimento mundial, para que fosse reconhecido em sua terra.

[...] a imaginação do futuro, para qual o presente é um rascunho ou um pano de fundo. Esse vazio da história coincide com a hipótese europeia sobre a América: aqui estão os povos jovens frente ao velho mundo fatigado [...] (SARLO, 2001, p. 224).

Percebe-se a partir de Sarlo (2001), que não basta resgatar pedaços da história, que prevaleceram diante de outros; é necessária uma construção cultural que saia de uma busca identitária mergulhada nas heranças que constroem a história de uma sociedade e não só nos aspectos mais “vendáveis”. Os visitantes e os residentes que vão prestigiar a programação da CAI passam por três estágios diante da proposta que a instituição coloca em prática. A primeira reação é o estranhamento, afinal, em meio a todas as representações de Gabrielas, Nacibs e outros personagens dos romances de Jorge Amado, existe um lugar onde o previsível diante deste contexto

cultural, imposto por ser tão comercial, não existe. Depois, visitantes e residentes vão se deixando tragar pelos eventos. A proposta e o modo de tratar o popular, pois os grandes clássicos universais revelam o simples, o singular, o próprio e o popular de cada texto, que é destacado no palco e cativa ao público. Por fim, depois de um tempo alguns voltam em busca de mais, e não voltam sozinhos.

Infelizmente, trabalhar em nome da valorização da cultura e do artista regional não é uma tarefa simples. Ainda mais, quando a cultura oferecida não reflete as tendências obvias do mercado, afinal na atual situação econômica de Ilhéus o turismo cultural é uma fonte de renda, que desenvolve uma função social por diversos fatores, que não se limitam à procura e à venda. Por isso, a estrutura em que o turismo cultural se desenvolve, bem como os direitos dos artistas de todas as áreas que desenvolvem trabalhos a fim de desenvolver e valorizar os aspectos culturais merecem e precisam do apoio do poder público.

Assim, as formas do turismo se multiplicam, proporcionalmente às repercussões econômicas da atividade, que necessita cada vez mais de profissionais especializados em domínios diversos. [...] O turismo passa a integrar projetos políticos e discursos de candidatos e eleitos, que o apresentam como uma possibilidade plausível de desenvolvimento local (VOISIN, 2006, p.102).

Observando o movimento que evidencia o turismo cultural como uma estratégia diversificada de atração, não só de pessoas como de investimentos, é possível compreender a necessidade de um planejamento voltado para o turismo, nas esferas municipal, estadual e federal. A CAI, como possibilidade diversificada na promoção de cultura e de entretenimentos para residentes e visitantes, atualmente conta com o

patrocínio de dinamização do Fomento à Cultura – Fundo de Cultura do Governo do Estado da Bahia, da Secretaria da Fazenda e da Secretaria de Cultura e sua programação é patrocinada pela Barrakitika, Shock Vídeo Locadora, Cyber service, IBEC entre outros.

Mas, no começo da administração do Teatro Popular de Ilhéus a CAI não contava com estes patrocínios, fato que colaborou para que, entre 2004 e 2005, a primeira crise que quase encerrou os trabalhos da casa fosse detonada. Depois de mais dois anos do Teatro Popular de Ilhéus ter assumido a CAI, as telhas da casa, que ainda eram do século XIX, começaram a apresentar rachaduras e deformações, por causa das chuvas constantes e dos processos de desgaste do tempo, o que poderia gerar um possível desabamento desta estrutura a qualquer momento, inclusive durante um espetáculo. Percebendo esse risco, os gestores buscaram apoio nos setores públicos e privados, sem sucesso.

O cantor e compositor Nando Reis; por ser amigo de Équio Reis, ao saber da situação da casa se dispôs a ajudar realizando shows e gravando comercial vinculado na TV, para mobilizar a sociedade não só de Ilhéus, mas da região, para a causa. Mesmo com a doação do cachê, realizada por Nando Reis, existiram despesas com sua equipe técnica, que incluía músicos, técnicos de som entre outros, despesas essas que tiveram que ser pagas, o que dificultou o processo da campanha. Ao final da campanha não existia em caixa o suficiente para fazer a obra, que foi orçada em mais de R\$ 5.000,00, e outras campanhas continuaram sendo promovidas. Uma das ideias que deram certo foi a de pegar algumas telhas que não estivessem muito danificadas e solicitar que artistas plásticos da cidade fizessem pinturas nelas. Um jantar foi realizado com a presença da sociedade ilheense para o leilão das peças. No final deste processo o

telhado foi reformado com o auxílio de donos de loja de materiais de construção, que colaboraram com descontos dos materiais.

Mesmo com a existência do Planejamento Estratégico para o Turismo (PET) – Ilhéus, que no papel garante a sustentabilidade de espaços que promovam a cultura regional, outra crise, no ano de 2009, quase fechou as portas da CAI, mais uma vez. Em meados de 2006 a instituição conseguiu um convênio com a Secretaria de Cultura do Estado da Bahia, que garantia a manutenção da casa e os pagamentos dos funcionários. Este convênio seria renovado em 2009, mas, durante os seis primeiros meses do ano, a CAI não recebeu a verba, fato que inviabilizou os trabalhos. A proposta da instituição, sempre foi oferecer cultura a preços populares; e mesmo assim existe a dificuldade de ter casa cheia. Como poderiam manter toda a estrutura de funcionamento do espaço, apenas com o dinheiro arrecadado dos eventos? Na época a única opção foi fechar a casa em junho e esperar que a situação fosse resolvida. Hoje esta situação está solucionada; mesmo sem a ajuda dos órgãos municipais competentes; fato que comprova a afirmação de Costa e Gândara (2009, p. 123):

O PET- Ilhéus, [...] não pode ser considerado um Planejamento Estratégico, nem mesmo um Plano de Marketing. Configura-se como mais uma elaboração amadora de plano de ação, que ignorou aspectos fundamentais, comprometendo irremediavelmente sua viabilidade e seu sucesso. Se o objetivo é o desenvolvimento permanente e sustentável da atividade turística no país, esse é um exemplo de como não se deve planejar.

Atualmente, além do Teatro Popular de Ilhéus, são grupos residentes na casa a Cia Boi da Cara Preta e o Improviso Nordestino. Diante de toda a história vivenciada pelo Teatro Popular de Ilhéus,

nestes oito anos de administração da CAI, o objetivo de atingir cada vez mais a comunidade não só de Ilhéus, bem como da região do entorno com os espetáculos e a proposta de formação de platéia, continua e continuará sendo desenvolvido, a partir de projetos como o Tome Teatro, realizado há dois anos no dia 27 de março, dia do Teatro, quando artistas de Ilhéus fazem encenações de espetáculos ou esquetes na porta da CAI, como divulgar os trabalhos e atrair cada vez mais plateia ao teatro; e de espetáculos como Vida de Galileu e Teodorico Majestade, que, além das apresentações em Ilhéus, já tem turnês agendadas em outros estados. O primeiro será apresentado no Estado de São Paulo no ano que vem, e o segundo estreia turnê no Rio de Janeiro em setembro de 2010, com patrocínio da CAIXA, oriundo de um edital de fomento a cultura, em que o espetáculo foi contemplado.

## 2 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entre alegrias e decepções, crises e realizações, o saldo total das administrações da CAI, dos projetos desenvolvidos e de sua representatividade na história de Ilhéus, bem como no turismo cultural da cidade, é positivo. Mesmo não sendo fácil, a proposta que mobilizou sua fundação continua sendo desenvolvida, apesar de todas as dificuldades e da falta de apoio e participação da própria comunidade.

As maiores dificuldades, destacadas pela atual gestão, são a falta de apoio dos órgãos municipais e a desvalorização do artista e da arte regional, em comparação com espetáculos e artistas de projeção nacional, que vêm à cidade e encontram plateias cheias e dispostas a pagar, quanto for necessário para consumir manifestações que não são próprias, que não falam das singularidades e das múltiplas representações locais. Mesmo com estas e outras



dificuldades, a proposta de formação segue e produz resultados de maneira significativa. Mesmo que em momentos sejam os visitantes os que mais prestigiam a programação da CAI, o trabalho tem continuidade garantida pelos grupos residentes e por artistas que compreendem e visam participar da proposta de formação de plateia, efetivamente.

Assim, processualmente a proposta de formação de plateia e de revitalização da cultura regional está sendo cumprida. De forma que tanto o nome da CAI e como o do Teatro Popular de Ilhéus estão sendo levados para outros espaços de diálogo e troca de experiência, afinal a formação de plateia para o teatro é um desafio nacional. Seja historicamente, economicamente ou culturalmente, a Casa dos Artistas em Ilhéus é um espaço que merece destaque local, estadual e nacional, pois desta forma sua história não se perderá no tempo, sua situação econômica será observada com atenção pelas autoridades competentes e a cultura regional promovida, valorizada e resgatada por ela, receberá enfim o valor e a participação da comunidade, que, através dela, poderá ver sua história e projetar um futuro mais justo e sustentável.

## REFERÊNCIAS

COSTA, Márcio Antônio Leal; GÂNDARA, José Manoel Gonçalves. Análise do Plano Estratégico do Turismo (PET) de Ilhéus. In: ÁVILA, Marco Aurélio (Org.). **Política e planejamento em cultura e turismo**. Ilhéus, BA: Editus, 2009. p. 99-126.

CASA dos Artistas: Se é de paz pode entrar. **A Região**, Itabuna, 2 ago. 1993.

CASA dos Artistas realiza campanha para II Festeatro. **A Região**, Itabuna, 11 set. 1995.

CASA DOS ARTISTAS. Disponível em:<<http://casadosartistasilheus.blogspot.com/>>. Acesso em: 10 mar. 2010.

CAMPOS, João da Silva. **Crônicas da Capitania de São Jorge dos Ilhéus**. Ilhéus, BA: Editus, 2006.

CULTURA em Ilhéus. **Jornal da Morena**, Itabuna, 21 maio 1992.

DIAS, Marcelo Henrique; CARRARA, Ângelo Alves (Orgs.). **Um lugar na História: a capitania e comarca de Ilhéus antes do cacau**. Ilhéus, BA: Editus, 2007.

O TROFÉU Jupará 93. **Jornal da Morena**, Itabuna, 1993.

REHEM, Reheniglei. O eterno retorno da cultura do cacau: história, literatura e imaginário. **Jornal Águas do Almada**, Itajuípe, ano 3, n. 5, p. 6, jun. 2001.

SARLO, Beatriz. Arlt: Cidade real, Cidade Imaginaria, Cidade reformada. In: CHIAPPINI, Ligia; AGUIAR, Flavio Wolf de (Orgs.). **Literatura e historia na America Latina**. São Paulo, SP: Editora da Universidade de São Paulo, 2001. p. 223-242.

SIMÕES, Maria de Lourdes Netto. Literatura, Cultura e Turismo: Identidade Cultural e Expressões Regionais - estudos sobre Literatura, Cultura e Turismo. In: SIMÕES, Maria de Lourdes Netto (Org.). **Identidade Cultural e Expressões Regionais**. Ilhéus, BA: Ed. Editus, 2006. p. 9-24.

SOUZA, Felipe de Paula. **Núcleo de Produção Audiovisual da Casa dos Artistas: A experiência da implantação de um Ponto de Cultura**. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação - BOCC. 2009. Disponível em:<<http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-paula-nucleo.pdf>>. Acesso em: 5 julh. 2010.

TERÇA A TRÊS começa hoje na Casa dos Artistas. **Diário da Tarde**, Ilhéus, 4 jul. 1995.

VINHÁES, José Carlos. **São Jorge dos Ilhéus: da capitania ao fim do século XX**. Ilhéus, BA: Editus, 2001.

VOISIN, Jane. Comunicação turística, memória, identidade: uma proposta de abordagem e dois casos (Ilhéus-Bahia e La Rochelle-França). In: SIMÕES, Maria de Lourdes Netto (Org.). **Identidade Cultural e Expressões Regionais**. Ilhéus, BA: Ed. Editus, 2006. p. 101-111.

*Recebido em: 29 Março 2010*

*Aceito em: 10 Agosto 2011*